

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Antonio Furtado, Anselmo Xavier, B. Machado, Bernardino Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Reis Damaso, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 17

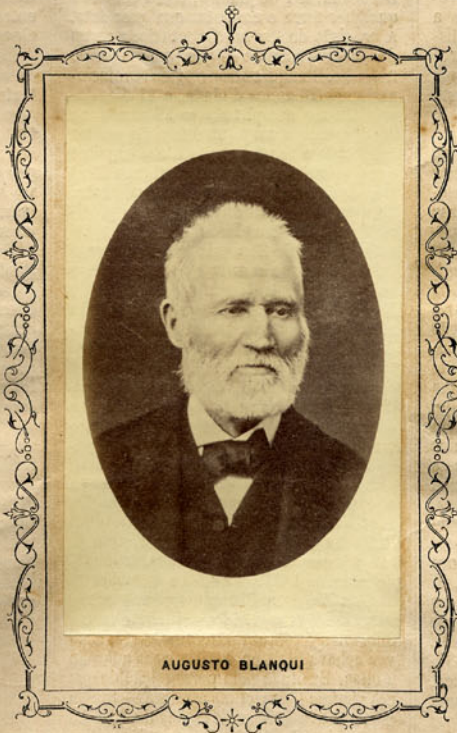
Setembro — 1882

1.º anno

AUGUSTO BLANQUI

As gerações, que nasceram durante o famoso periodo da Revolução franceza e nos primeiros annos do seculo actual, quando a França era o assombro de toda a Europa, deram a essa grande nação uma co-hôrte extraordinaria de homens, que encheram o mundo com os seus nomes aureolados e com a fama immorredoura do seu heroismo, do seu talento, da sua energia, da sua sciencia e da sua dedicação. Basta recordarmos de Augusto Comte, de Michelet, de Quinet, de Raspail, de Littré, e de tantos outros que já descansam á sombra do sepulchro, e dos poucos que ainda presidem com as suas cãs venerandas, á marcha progressiva da civilisação, como o sublime poeta Victor Hugo e o notavel socialista Louis Blanc. A este grupo luminoso dos heroes modernos pertenceu Augusto Blanqui. Se não tinha a superioridade intellectual de Comte, nem o estylo pittoresco e encantador de Michelet; se lhe faltava a penna vibrante de Quinet, a sciencia de Raspail e a erudição de Emilio Littré; se não feria as cordas da lyra como Hugo, nem possuía a auctoridade de Louis Blanc; era, como todos elles, um coração generoso e aberto aos grandes sentimentos, um caracter levantado e inquebrantavel, que não sabia dobrar-se, nem vergar deante de qualquer poder. Não era de certo um sabio, nem um philosofo, nem um poeta; mas era um luctador e o typo mais caracteristico dos verdadeiros revolucionarios. Tinha por ideal o bem da humanidade; luctou e soffreu pela republica; e consagrou á implantação das suas idéias toda a sua saude, toda a sua intelligencia, toda a sua força

de vontade, emfim os 76 annos da sua existencia. Tem portanto o justo direito de figurar entre os benemeritos da causa social, da causa dos povos.



AUGUSTO BLANQUI

Consignemos aqui alguns traços rapidos da sua biographia.

Nasceu Augusto Blanqui a 7 de feveiro de 1805, em Panget Thieners, sendo

filho de um convencional o que nos explica o seu profundo amor pelas idéias proclamadas pela Revolução, á defeza das quaes dedicou toda a sua vida. Estudou direito e medicina, mas eram as questões politicas que lhe despertavam o mais intimo interesse, arrebatando-o a tal ponto que se sacrificava sempre por ellas. Nas desordens provocadas em Paris, por occasião das eleições de 1827, foi Blanqui ferido gravemente, e em 1830 tomou parte activa na revolução contra o regimen absoluto, não cessando depois de conspirar contra a monarchia constitucional de Luiz Philippe. Em 1839 foi condemnado á morte por ser um dos chefes da insurreição contra o constitucionalismo, mas foi-lhe commutada a pena em prisão perpetua, da qual só o livrou a revolução de 1848. Não esteve porem muito tempo em liberdade. O animo exaltado de Blanqui irritou-se facilmente contra o sentimentalismo absurdo da Republica de Lamartine, começou a criticar asperamente os actos do governo e a provocar o povo á revolta, chegando em 15 de maio a invadir a assemblea nacional, pelo que foi condemnado a dez annos de prisão no forte de Belle-Ile-en-Mer. Havia pouco mais de dois mezes que tinha sahido do forte do Monte de S. Miguel e voltava para o carcere condemnado d'esta vez pela propria forma do governo pela qual combatia. Blanqui procurou evadir-se; descoberto porém o seu plano transferiram-n'o primeiro para a Corsega e mais tarde para a Africa, d'onde só regressou a França em 1839. Estes dez annos de soffrimento não quebraram a energia do luctador. De volta á patria, dedicou-se de novo aos seus trabalhos predilectos de conspiração e revolta. O segundo imperio sentiu em

breve a acção dissolvente de Blanqui; prendeu-o em 1861 e condemnou-o a quatro annos de prisão. Novamente em 14 de agosto de 1870 tentou derribar o imperio, que devia cair vinte dias depois, procurando tomar á força as armas dos hombeiros de Villette. Fundou em seguida a *Patria em perigo*, jornal em que combateu valentemente o governo da Defeza Nacional, censurando os actos de pusillanidade, de ineptia ou de traição de Trochu e da sua gente; em 31 de outubro entrou á frente do povo no Hotel de Ville e prendeu-os, mas estando o povo desarmado teve de ceder. A reacção clerical via assim triumphar os seus manejos e Blanqui, desgostoso e doente, retirou-se de Paris sem esperanças já de vêr implantada a republica. Preparava-se a grande sangria em que os reaccionarios esperavam afogar todos os germens da liberdade; elles provocavam o povo á revolta e sonhavam já com a victoria da monarchia absoluta e do clericalismo. O povo de Paris, espicaçado e ludibriado, revolta-se finalmente, mas o seu heroismo é superior a toda a expectativa. Foi sublime. A reacção clerical começou a temer pelas consequencias da lucta, e Thiers, seu instrumento passivo, fez prender Blanqui receiando que elle partisse para Paris a pôr-se á frente da revolução communalista, e recusou-se depois a trocal-o pelos refsens, como lhe propunham os revoltosos. A 15 de janeiro de 1872 era Augusto Blanqui condemnado por um conselho de guerra a deportação por toda a vida, apesar de não ter tomado a minima parte na revolução de 18 de março. Durante este anno esteve preso em Clairveaux e absolutamente incomunicavel, como se fosse um grande criminoso, este sincero republicano, quando já em França se estabelecera de direito, se não de facto, o regimen do governo do povo pelo povo! Esta espantosa injustiça começou a chamar a attenção publica e a levantar a indignação geral contra a iniqua carnificina e as condemnações barbarescas do governo de Thiers, e deu origem á famosa campanha da amnistia. O nome de Augusto Blanqui serviu de bandeira aos iniciadores d'esta campanha sympathica e varios circulos elegeram-n'o deputado. O governo viu-se forçado a dar-lhe liberdade, mas continuou invalidando-lhe as eleições successivas, afastando-o da camara onde mais do que nenhum outro tinha direito a sentar-se. Nos ultimos tempos da sua vida fundara um semanario de propaganda avançada, *Ni Dieu ni maître*, onde advogava em todos os numeros a causa do livre pensamento e da republica mais democratica e liberal.

Na noite do primeiro de janeiro de 1881, depois de fazer uma conferencia politica, em Paris, sentiu-se accommettido por uma paralisia cerebral, e acolhendo-se a casa de um amigo, ahi falleceu momentos depois, deixando o partido republicano sem um dos seus mais energicos revolucionarios e aquelle exactamente que mais havia soffrido pelas ideias modernas.

A vida de Augusto Blanqui é um exemplo salutar de abnegação e de sacrificio pelo triumpho de uma causa justa.

TEIXEIRA BASTOS.

Blanqui, o venerando finado de que a «Galeria Republicana» dá boje o retrato nasceu predestinado para a Revolução. Prova-o, a sua lucta energica e constante contra tudo o que cheirava a privilegio. Prova-o ainda mais o saber-se que a maior parte da sua vida foi passada nos carcereiros para onde o atirava o seu odio ao despotismo, ao *status quo*. Temos presentes na banca em que trabalhamos, uns curiosos apontamentos biographicos do grande revolucionario francez de quem Gomes Leal disse que estivera

«... toda a vida a rugir preso como um forçado.»

Pouco menos, como vae ver-se pelos apontamentos que temos e que vamos extractar.

Consideramos estes documentos como veridicos e por uma razão muito simples: vieram de parte insuspeita. São d'origem contraria ás ideias generosas e sympathicas que sempre dominaram o espirito superiormente forte, heroicamente resolutivo, de Blanqui.

O grande vulto da França revolucionaria foi natural de Bordeaux, onde nasceu a 1 de janeiro de 1805. Mas para o nosso proposito tanto importa que nascesse em Bordeaux, a 1 de janeiro, como em outra qualquer terra e em outra qualquer data. A precisão do seu nascimento fica a cargo dos biographos que se queiram dar a esse trabalho. Blanqui entrou na vida revolucionaria aos 26 annos d'idade, e 11 dias depois de ter completado os 26 annos era condemnado a um anno de prisão por ter censurado o procedimento d'uns sujeitos que faziam de magistrados, alguns *Rouges de Quads* os francezes, naturalmente. Esta condemnação dera-se a 12 de janeiro de 1831. A reclusão não diminuiu o entusiasmo de Blanqui; antes pelo contrario: durante o anno que esteve preso trabalhou constantemente pela causa da liberdade, o que lhe valeu a condemnação a outro anno de prisão, sentença proferida a 12 de janeiro de 1832. Cumprida esta sentença esteve fora de prisão até 11 de agosto de 1836, dia em que foi condemnado a dois annos de encarceramento por pertencer a uma sociedade secreta, o que é considerado um crime horrendo pela realza, como se ella não conspirasse secretamente contra a liberdade dos povos e muitas vezes contra a autonomia das nações!

D'esta vez, porem não cumpriu a sentença por motivo de ser amnestiado em 7 de maio de 1837.

Luiz Augusto Blanqui, longe de renegar as ideias que o faziam passar tantos desgostos e soffrer tantos dissabores, cada vez achava mais necessaria a sua adhesão a ellas. Excitado pela perseguição de que era victima — a victima gloriosa — tomou parte activa nas sublevações de 12 e 13 de janeiro de 1839, foi por esse motivo preso e condemnado á morte em 31 de janeiro de 1840. A 4 de fevereiro foi-lhe commutada a pena em deportação perpetua.

Esta deportação ficou sem effeito em 1848 em consequencia da revolução d'esse anno.

A 2 de abril de 1849, foi o audaz lucta-

dor condemnado a dez annos de prisão por haver tomado parte com Raspail e Barbès na manifestação de 15 de maio do anno anterior, contra o governo de Lamartine.

Cumpriu a sentença e continuou tomando parte nas agrupações secretas motivo este porque foi novamente preso e condemnado a quatro annos de prisão, em 17 de julho de 1861. Cumprida esta sentença sahi da prisão contando 60 annos de idade e 34 de gloriosa lucta contra o despotismo, contra o privilegio, contra os exploradores do povo e em defesa da liberdade, da Revolução e do mesmo povo.

Sublime audacia! Firmeza de crenças e força de vontade como esta são rarissimas de encontrar.

Não descansou das fadigas passadas apesar da sua avançada idade. Tomou ainda parte na insurreicção de 14 de agosto de 1870. 21 de janeiro de 1871, e 31 de outubro do mesmo anno.

Por isto foi condemnado a prisão perpetua em recinto fortificado, por sentença de 29 de abril de 1872.

Quando se deram em França os accetimentos memoraveis de março de 1871, Blanqui appoiou-os motivo porque os electores de Paris em numero de 13:859 de entre 16:729 votantes do 2.º circulo, o elegeram membro da Communa de Paris.

Estes 13:859 electores que delegaram os seus poderes n'quelle homem constantemente perseguido pelo seu odio ao absurdo, compensaram-lhe as agruras de tantos annos de carcere? Decerto que sim; compensaram, porque aquella votação eloquente foi um desagravo, uma prova honrosa de que o povo sabia comprehender quem era o seu amigo e quem eram os seus inimigos.

Depois d'esta votação honrosa que faz perder a Blanqui as sympathias de muitos que se horrorisam ao ouvir fallar na Communa pois que fazem obra pelas descrições mentirosas dos canos de esgoto (vulgo jornaes) da monarchia e orgãos conservadores, esta votação, dizia-mos, foi seguida de muitas outras não menos significativas. Uma d'ellas foi a votação de 20 de abril em que a maioria do povo de Bordeaux, terra natal do audaz revolucionario, delegou no seu conterraneo a representação no parlamento, elegendo-o deputado apesar de preso no recinto fortificado de Clairveaux.

Esta eleição foi annullada duas vezes e d'ambas ellas teve lugar a reeleição de Blanqui, valendo-se por ultimo os conservadores d'uma cilada que armaram aos electores e que fez perder a eleição ao valente caudillo do povo.

Ultimamente a morte roubou a França e á democracia universal, o vulto austero e forte d'aquelle valente martyr.

Hoje que a «Galeria» presta homenagem áquella vontade forte, áquella consciencia energica e áquelle espirito recto personificados em Blanqui, não deviamos nós, que fomos sempre um dos mais freneticos admiradores do «eterno rebelado», deixar de consignar n'estas paginas o nosso humilde tributo de respeito á sua memoria veneranda.

Em homenagem, pois, escrevemos este

ligeiro artigo tornando conhecidos alguns factos que, referindo-se à vida de Blanqui, não são bastante conhecidos por emquanto.

Relevem-nos os leitores o atrevimento e consintam que eu termine dizendo:

E nos exemplos d'estes espiritos rectos e fortes que devemos ir buscar ensinamento para não recarmos dos Carrilhos, Arrobas, Rangeis e quejandos typos de quejanda força ao serviço d'umas instituições que já se não seguram de pôders.

Avante pelo povo, como Blanqui!

Porto — 1882.

ALBERTO BESSA.

Salvemos a patria!...

A França, a capital do mundo, como lhe chamou um pensador d'este seculo, commemorou, em 14 de julho, o anniversario da gloriosa tomada da Bastilha. Portugal a patria dos malmequeres, como a cognominou um critico distinctissimo, assistiu impassivel ao voto parlamentar que auctorisou a dispendir-se do dinheiro do povo, a avultada somma de 2:700 contos de réis para se subsidiarem caminhos de ferro em territorio hespanhol!... A França traça festivas galas, manifesta o seu patriotismo, rejubila de enthusiasmo perante a grande festa nacional, demonstra ao mundo quanto pôde e quanto valle a Republica, para o povo e pelo povo; Portugal, com todo o seu liberalismo, para commemorar o dia 9 de julho, no Porto, foi necessario um *abafarete* na camara dos *procéres*, para approvar na generalidade a famosa salamancada, a fim de estalarem alguns foguetes, e repercutirem-se alguns vivas pagos a tanto por cabeça!

Ahi, é o povo que faz a festa, é o povo que saúda a Republica, synthese de todos os progressos civilisadores e patrióticos; aqui, são os salamancadores, que fazem a festa, não commemorando as honrosas tradições de 1820, 1846, 1854, mas festejando ao som do hymno da carta, o subsidio de 2:700 contos de réis para se fazerem melhoramentos materiaes em territorio hespanhol! Que contraste!

Em França, a grande Republica, ennobrecendo o povo e enriquecendo a terra; em Portugal a monarchia, empobrecendo a terra e embrutecendo o povo!

Em França, de dia para dia, crescem os melhoramentos e diminuem os impostos; em Portugal, os melhoramentos consistem em pagar estradas ferreas em territorio estrangeiro e sobrecarregar o povo, o eterno explorado, com iniquos e vexatorios impostos!

Hoje como hontem! Sempre a mesma comedia, sempre os mesmos actores! E o povo, o espectador impassivel de todo o desempenho scenico d'este arruinado theatro chamado Portugal, ainda não entendeu suspender o espectáculo em attenção á sua miseria! Pouco viverá quem não assistir ao epilogo, que, mau grado de todos nós, ha de ser tremendo!... Portugal tambem ha de ter, como a França o seu 89, o seu 14 de julho!... Com a

diferença unica que a patria de Voltaire, proclamando os direitos do homem e fazendo abalar todos os thronos da Europa, deu o exemplo ao mundo para grandes commettimentos do povo pelo povo; ao passo que Portugal, proclamando a Republica ha de saber cumprir com os seus deveres e com os seus direitos escorraçando os heroes das bastilhas portuguezas, que atraçoam a patria e nos vendem ao estrangeiro a troco de uma salamancada anti-patriotica e de quaesquer syndicatos indecorosissimos!...

Saudemos a França!

Harrah! pelo governo popular!

Salvemos Portugal!

Salvemos a patria!

Viva a França!

Viva Portugal!

Viva a Republica!...

REYS E SOUSA.

O POVO

(EM MEDA)

Elle, o faminto, ao regio viajante
A miseria fez vêr e a desventura!
E o rei, a compassiva creatura,
Inda zombou do triste mendicante.

Impia gente, indomavel e arrogante
Que aurea gloria nos crimes só procura,
Roubar tenta a andrajosa vestidura
Do misero sem pão e agonisante!

A lucta foi horrivel! Os clamores
Commoveram do martyr que soffria
Enfureceram mais os aggressores!

As holas sibilaram!... Na agonia
O povo ergueu-se, e viu nos saltadores
Os escravos feis da monarchia!

Setembro de 1882.

REKKAREDO.

Os novos impostos

I

Eureka!

O sr. ministro da fazenda encontrou o meio de acabar por uma vez com o *deficit*. — Adamastor horrendo que asoberba a nação, e que tem feito suar o topete a muito estadista de largo e amplo folgo financeiro — matando o povo á fome, reduzindo-o á mingua!

As propostas de fazenda apresentadas á camara dos deputados pelo sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, presidente do conselho de ministros e ministro da fazenda do reino de Portugal, no anno da graça de 1882, são precedidas do seu largo relatorio, no qual se lêem bocadinhos de ouro.

Vejamos:

Diz o sr. ministro a fim de justificar as suas medidas:

«Contra elle (o *deficit*), ha só o imposto, que é o *onus*, ou a bancarrota, que é a *deshonra*.»

É incrível! É uma ameaça directa, bem patente e desencaipotada, com que se pretende intimidar o paiz, se este reagir contra os novos dislates do sr. ministro.

E quem tem contribuido para essa bancarrota, que nos trará a *deshonra* se aquella se der? Tem sido, em grande escala, s. ex.ª e os homens do seu partido, augmentando as despesas publicas, sem resultado benefico e immediato para o paiz, ao qual hoje pede novos sacrificios.

O povo pôde e deve pagar mais, phrase amavel e nunca esquecida, pronunciada ha muitos annos no parlamento portuguez por s. ex.ª, e que pôe por obra quando sobraça uma pasta

E é o sr. ministro que o diz, no seu decantado e celeberrimo relatorio:

«Temos usado e abusado do credito...»

Povo! O governo regenerador tem usado e abusado do credito, mas, para cohnestar esse uso e abuso, repete mais uma vez, pela millesima, que ha 30 annos tem feito a nossa regeneração economica!

E' inaudito!

Isto não são asserções gratuitas. O relatorio do sr. ministro é quem nos fornece armas para o atacar.

Povo! O governo regenerador tem usado e abusado do credito, a fim de enviar ao estrangeiro afilhados que auferem grossas gratificações, sem proveito algum para o paiz!

Povo! O governo regenerador tem usado e abusado do credito para construir penitenciarías, sorvedouro immenso de capitães, que deviam e podiam ser melhor applicados!

Povo! O governo regenerador tem usado e abusado do credito, para augmentar os quadros das repartições, despresando serviços prestados, e anichando galopins eleitoraes!

Povo! O governo regenerador tem usado e abusado do credito, gastando com mão larga as mealhas que o fisco te arranca, hauridas com o teu suor!

Povo! O governo regenerador tem usado e abusado do credito, ordenando revistas militares e festas, a fim de ostentar um poderio e uma força que não possui!

Povo! Rejeita a confissão do actual ministro da fazenda. Elle e os seus collegas, quando estão no poder, têm usado e abusado do credito!

Abusado!

Povo! Diz mais o ministro:

«A fazenda publica não está prospera, mas o paiz está relativamente rico!!»

Contradição palpavel, que o *indispensavel* estadista deixou irreflectidamente cair dos bicos da pena.

Pois se o paiz está relativamente rico, porque é que a fazenda publica não prospera? Dil-o o ministro: porque tem abusado do credito, e as receitas publicas somem-se na voragem de despesas improductivas e no pagamento de juros em quantias fabulosas!

Povo! Estavas vogando n'um mar de bonanças; vivias n'uma nova idade de Saturno, n'um pleno reinado de Astréa; sobejava-te o trabalho bem remunerado; tinhas tudo o preciso para um mediano viver! E tudo isto era consequencia immediata da nossa regeneração economica, que o *indispensavel* estadista iniciou ha 30 annos!

Pois bem, povo! Uma vez que vives em tão plena abundancia, ahi tens agora esses impostos sobre os generos de primeira necessidade, generos indispensaveis á vida sem os quaes te não pôdes alimentar, sem os quaes não pôdes viver! São mais subteis estes impostos, mas mais gravosos para ti, e mais rendosos para o thesourer!

E enquanto tu, povo, contribues em

larga escala para as despesas superfluas do estado; enquanto tu, mirrado sob um trabalho mal remunerado, dás o teu suor para alimentar um exercito em nomine, uma cohorte de funcionarios inuteis, e pela maior parte ineptos e analfabetos, o rico, o abastado, forra-se ao lisco, não paga o que deve, e tripudia sarcasticamente, rindo-se da miseria do proletario!

E' o sr. ministro que o diz no seu relatório, não somos nós que inventámos.

«Reconhece que a contribuição predial está desigualmente lançada (!) não dando o producto que deve, mas que se não pôde saber com exactidão o rendimento de cada proprietario!!»

E ousa um ministro da fazenda dizer isto ao paiz!

Não se pôde saber com exactidão o rendimento de cada proprietario! Será por falta de empregados de fazenda, que enxameam por essas repartições como tortulhos em paiz lodoso? Mas sabem o teu rendimento, proletario, para te lançarem a decima industrial, a decima pessoal, e todos os impostos imaginarios! Do proprietario não podem saber com exactidão qual é o seu rendimento!

Isto é de uma desfaçatez atroz, de um cinismo incrível!

Sabes, povo, quantos predios havia sonegados a matriz, e que não pagavam decima, só no districto de Portalegre? 6:000!!!

E' o ministro da fazenda actual que o diz no seu relatório, do qual faremos em outro numero alguns extractos, a fim de que conheças, povo, o que são e o que valem os homens que se acham á frente da governação publica.

Proseguiremos.

P. J. CONDEIÇÃO.

A REPUBLICA E A EGREJA

Um dos meios com que os pseudos defensores das regalias populares procuram desprestigiar o systema republicano é fazer acreditar aquelles que comprehendem perfeitamente que o systema governativo debaixo da forma monarchico-representativo dia a dia nos vai reduzindo a condição infima d'um povo sem iniciativa propria e quasi sem autonomia, e, dizemos, fazer incutir no cerebro dos que reconhecem a impossibilidade do bom andamento dos negocios publicos dentro da esphera monarchica, a falsa idea de que a republica, significa a desordem e a anarchia, que essa formula governativa logo que inplantada em Portugal destruiria as egrejas, convertendo-as em corraes, em adegas; que a perseguição aos padres e aos religiosos seria posta em vigor torpe e escandalosamente, que finalmente a republica é o terror, o roubo, o assassinato, a anarchia em todas as classes da sociedade e acima de tudo, a maneira mais simples de perdermos a nossa autonomia.

E desgraçadamente ha inda quem acredite que, senão em tudo pelo menos na parte que tem relação com a igreja, a republica se propõe a destrui-la eliminando a liberdade de cultos e extinguindo a liberdade de pensamento!...

Eis a forma com que os defensores do systema monarchico pretendem tornar inaccitavel o systema republicano!

Invertendo e deturpando tudo quanto é honesto e digno, assim fazem a sua propaganda não tanto em prol das instituições monarchicas porque (querendo ser francos e sinceros na idea que fazemos d'elles) o unico motivo que os leva a procederem assim é o estomago. Não somos dos que pensam que fieis ao principio monarchico desconhecem e ignorem que a republica é o unico governo que pode sustentar a nossa autonomia e fazer prosperar a nossa riqueza publica. Não! Fazemos-lhes justiça; elles bem sabem que uma forma de governo n'um paiz pequeno como Portugal não pode persistir por muito tempo com o systema dos emprestimos e dos impostos; elles comprehendem cathegoricamente que entre as duas formas de governo não ha que exitar, por isso mais velhacos que tólos, pretendendo desacreditar a instituição republicana buscam encontrar echo no elemento popular pelo meio preponderante do catholicismo, fazendo crer que a republica quer a destruição dos templos, a extinção dos padres, da liberdade de cultos e de pensamento! É necessario que o povo se convença do contrario de tudo isto. Pois se só queremos a liberdade de cultos, a maxima liberdade de pensamento, como podemos nós ser apoiogistas da destruição dos templos? Se não nos callamos perante esta afronta aos seus principios que defendemos com a energia que nos é peculiar, não é porque tenhamos medo que os argumentos d'esses especuladores, de todos os matizes encontrem echo entre aquelles que estudam e tem illustração sufficiente para os repelirem; mas sim porque entre as classes que elles exploram em proveito proprio, ha muita ignorancia, muita falta de censo e muitas consciencias atrophiadas pelo pseudo apostolado de que se vangloriam.

Responder-nos-hão que dentro das fileiras republicanas ha quem seja atheu, quem descreia completamente de Deus e da religião, quem queira ver as egrejas convertidas, não em corraes, nem em adegas, mas em escolas de boa e sã moral, aonde os povos comprehendessem, pela instrução que ahí se lhes ministrasse, o logar que occupam perante a causa publica, onde aprendessem a cumprir com os seus deveres para poderem exigir os seus direitos; mas tudo isto não explica mais que o direito que lhes assiste de manifestarem as suas opiniões, perante o dever sacrattissimo de respeitarem as opiniões contrarias.

Existem indisciplinados que não comprehendam este dever? existem, infelizmente; mas não se segue d'aqui que essa indisciplina chegue a ponto de envolver uma causa justa, uma instituição aceitavel como é a — republica!

Que esta exposição sincera sirva de incentivo áquelles que ainda creem que a divisão da igreja do estado, é o mesmo que a destruição de todos os cultos e a repressão a todas as liberdades.

REIS e SOUSA.

CHRONICA

El-rei, nosso senhor, que a gente assalariada diz ser homem de grandes acções, acaba de ordenar aos seus lacaios alguns factos de verdadeiro e solemnisimo estrondo.

Hip, pela bambocha d'el-rei, hip! hip!...

Em Lixa um honradissimo velho, cheio de fome e de ignorancia, levantou-se um dia de peor humor e teve a velleidade de pedir pão.

Que fizeste, miseravel? N'esta sociedade de syndicateiros ignobeis não se consente isso. Quando se tem 76 annos, como tu, não é permitido ter fome...

El-rei, que é grande premiou-lhe porém, a feia acção e mandou-o prender, como fazem almas magnanimas.

Esse velho honesto nunca tinha sido preso. Porque teve fome foi preso e pronunciado.

Abençoadas as monarchias, que nos dão d'estes exemplos salutaris!

Na povoação de Meda as auctoridades fiscaes querem compellir o povo a pagar impostos, que elle não pode pagar. Mas a el-rei e a sua corte pouco se lhe dá com isso. A questão é de dinheiro — sempre dinheiro e mais dinheiro. O resto nada importa. E vae então aquelles que ousaram dizer que não podiam pagar, porque não tinham com que, mandou el-rei, que fossem fusilados.

Rejubilae, amigos da monarchia, e agradecei aos vossos patrões tantos e tamanhos beneficios...

Um máu homem, a quem se provou o crime de estupro, é condemnado em um mez de prisão. Uns pobres e inoffensivos rapazes, que são vivas a pessoas das suas sympathias, são condemnados em dois mezes de cadeia.

E dizem os maldizentes que não temos justiça...

Deante d'estes factos, meu amigo, se realmente te falta a dignidade para seres o que deves ser um republicano ás direitas, n'esse caso vae á fava, á fava simplesmente, porque és indigno do nome de homem.

CARRION.

Publicações recebidas

Collecção de artigos «O que não deve dizer-se» é o titulo de um livro que acabamos de receber, devido á penna do nosso collega do *El Motin*, do visinho Reino, o sr. José Nakens, que está escripto com o maximo criterio; o seu preço é de 360 em moeda portugueza.

Agradecemos penhoradissimos a offerta.

No proximo numero daremos o retrato de Antonio Polycarpo da Silva Lisboa.